

1. A PESQUISA NORTE-AMERICANA

*Carlos Alberto Araújo**

Os Estados Unidos abrigaram diferentes tradições de estudo da comunicação. No início do século, pesquisadores como Park, Burgess e Cooley, reunidos em torno da Escola de Chicago, procediam a estudos com um enfoque microsociológico de processos comunicativos, tendo a “cidade” como local privilegiado de observação. No mesmo período, Charles Peirce “inaugura” a Semiótica, campo de estudo preocupado com os processos de formação de significados a partir de uma perspectiva pragmática. Nos anos 30, H. Blumer, um dos membros da Escola de Chicago, a partir das idéias de G.H. Mead, inaugura o termo “interacionismo simbólico”, dando início a um outro campo de pesquisas na área, com pressupostos teóricos próprios. Por fim, nos anos 40, vários autores da Escola de Palo Alto, procedentes de áreas distintas como a Antropologia, a Linguística, a Matemática, a Sociologia e a Psiquiatria, inauguram uma outra tradição de estudos em comunicação. Bateson, Goffman e Watzlawick, entre outros, propõem uma compreensão da comunicação como processo social permanente, que deve ser estudado a partir de um modelo circular.

Todas essas correntes, no entanto, se desenvolveram de forma marginal nos Estados Unidos, constituindo campos de

* Professor da UFMG.

pesquisa restritos às áreas em que se originaram e com pouca influência no resto do mundo até os anos 60. Todas essas tradições de estudo só foram retomadas nesse período, quando então fizeram sentir sua influência sobre o conjunto de estudos em comunicação em todo o mundo.

Isso porque, entre os anos 20 e 60, os estudos norte-americanos foram marcados pela hegemonia de um campo de estudos denominado *Mass Communication Research*. Essa tradição de estudos é composta por abordagens e autores tão variados que vão desde a engenharia das comunicações, passando pela psicologia e sociologia, com pressupostos teóricos e mesmo resultados distintos e, em muitos casos, quase inconciliáveis.

Contudo, o que permite dar unidade a esse conjunto de estudos são quatro características comuns. A primeira delas é a orientação empiricista dos estudos, tendendo, na maioria das vezes, para enfoques que privilegiam a dimensão quantitativa. A segunda é a orientação pragmática, mais política do que científica, que determinou a problemática de estudos. As pesquisas em comunicação desta tradição de estudos têm origem em demandas instrumentais do Estado, das Forças Armadas ou dos grandes monopólios da área de comunicação de massa, e têm por objetivo compreender como funcionam os processos comunicativos com o objetivo de otimizar seus resultados. A terceira característica é o objeto de estudos: tratam-se de estudos voltados prioritariamente para a comunicação mediática. Por fim, a quarta diz respeito ao modelo comunicativo que fundamenta todos os estudos – conforme a discussão a seguir.

Já nos anos 20, o Fundo Payne começou a financiar diversos estudos empíricos sobre os efeitos da comunicação de massa, inicialmente sobre a influência do cinema nas crianças. Contudo, é a obra de Lasswell, *Propaganda Techniques in the World War*, publicada em 1927, que costuma ser identificada como o marco inicial da *Mass Communication Rese-*

tropia (a imprevisibilidade, a desorganização de uma mensagem, a tendência dos elementos fugirem da ordem), o código (que orienta a escolha, atua no processo de produção da mensagem), o ruído (interferência que atua sobre o canal e atrapalha a transmissão), e a redundância (repetição utilizada para garantir o perfeito entendimento). Todos esses conceitos e os elementos do processo são encaixados em teoremas que utilizam matrizes e logaritmos num estudo puramente matemático e quantitativo. O objeto de estudo, pois, é a transmissão de mensagens através de canais mecânicos, e o objetivo é medir a quantidade de informação passível de se transmitir por um canal evitando-se as distorções possíveis de ocorrer neste processo.

A comunicação é vista, aqui, não como processo, mas como sistema, com elementos que podem ser relacionados e montados num modelo. A proposta é de um modelo linear, em que os elementos são encadeados e não podem se dispor de outra forma – há um enrijecimento da apreensão do fenômeno comunicativo com sua cristalização numa forma fixa.

A Teoria Matemática, como se pode ver, não está preocupada com a inserção social da comunicação. Sua influência sobre a pesquisa em comunicação está na definição de um modelo de fenômeno comunicativo, modelo esse que servirá de “suporte” para todas as pesquisas que compõem a *Mass Communication Research*.

O segundo grande grupo é a Corrente Funcionalista. Originada a partir dos estudos de Lasswell, essa corrente tem sua motivação de pesquisa nas funções exercidas pela comunicação de massa na sociedade. A Corrente Funcionalista aborda hipóteses sobre as relações entre os indivíduos, a sociedade e os meios de comunicação de massa. A partir de uma linha sociopolítica, tem como centro de preocupações o equilíbrio da sociedade, na perspectiva do funcionamento do sistema social no seu conjunto e seus componentes. Já não é a dinâmica interna dos processos comunicativos que define o

campo de interesse de uma teoria dos meios de comunicação de massa, mas sim a dinâmica do sistema social.

A teoria sociológica de referência para estes estudos é o estrutural-funcionalismo. O sistema social na sua globalidade é entendido como um organismo cujas diferentes partes desempenham funções de integração e de manutenção do sistema. A natureza organísmica da abordagem funcionalista toma como estrutura o organismo do ser vivo, composto de partes, e no qual cada parte cumpre seu papel e gera o todo, torna esse todo funcional ou não.

Entre alguns modelos de funções, temos o de Wright, o de Lasswell e o de Lazarsfeld-Merton. Lasswell² apresenta as seguintes funções: de vigilância (informativa, função de alarme); de correlação das partes da sociedade (integração); e de transmissão da herança cultural (educativa). Wright apresenta uma estrutura conceitual que prevê funções e disfunções dos meios, sendo que essas funções podem ser latentes ou manifestas; às funções apresentadas por Lasswell, acrescenta a função recreativa. Já Lazarsfeld e Merton³ apresentam outras funções: a atribuição de *status* (estabilizar e dar coesão à hierarquia da sociedade); a execução de normas sociais (normatização); e o efeito narcotizante (que seria, de acordo com os autores, uma disfunção).

Uma das principais contribuições da Corrente Funcionalista para a consolidação da *Mass Communication Research* foi, assim como fez a Teoria Matemática, a tentativa de formalização do processo comunicativo, a partir da “questão-programa” de Lasswell, elaborada nos anos 30 e proposta em 1948. Trata-se de um modelo que problematiza – e soluciona – a questão apontando que “uma maneira conveniente para descrever um ato de comunicação consiste em res-

2. H. Lasswell, “A estrutura e a função da comunicação na sociedade”, in: G. Cohn (org.), *Comunicação e indústria cultural*, São Paulo: Nacional, 1978.

3. P. Lazarsfeld e R. Merton, “Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada”, in: G. Cohn (org.), *Comunicação e indústria cultural*, São Paulo: Nacional, 1978.

ponder às seguintes perguntas: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito?”⁴ Esse modelo teve uma grande influência em toda a pesquisa americana, servindo de paradigma para as distintas tendências de pesquisa e permanecendo durante muitos anos como uma verdadeira “teoria da comunicação”. Além disso, a “questão-programa” formalizou a estrutura do fenômeno comunicativo, tornando-a rígida e, a partir da decomposição dos elementos, abriu caminho para que os estudos científicos do processo comunicativo pudessem concentrar-se em uma ou outra dessas interrogações. Qualquer uma dessas variáveis define e organiza um setor específico de pesquisa – entre os quais se destacaram as análises de conteúdo e, principalmente, os estudos sobre os efeitos.

A fórmula de Lasswell possui uma estreita ligação com o outro modelo comunicativo dominante na *Mass Communication Research*, o da Teoria da Informação. Os dois modelos se caracterizam pela unidirecionalidade, pela pré-definição de papéis, pelo congelamento e simplificação do processo. Se, no caso da Teoria da Informação, a preocupação incide sobre a eficácia do canal – cálculo da quantidade de informação, entropia, ruído –, na “questão-programa” de Lasswell o centro do problema está nos efeitos provocados pelas mensagens (ou pelos meios de comunicação), e a ênfase sobre a técnica é menor.

Por fim, o terceiro e principal grupo que compõe a *Mass Communication Research* é a corrente voltada para o estudo dos efeitos da comunicação. É um setor de pesquisa que se originou na década de 20, composto por diversos estudos pontuais e que guardam certas características comuns. A maior parte destes estudos, sobre audiências, efeitos de campanhas políticas e propaganda, eram encomendados e financiados por entidades diretamente interessadas na otimização destes

4. H. Lasswell, “A estrutura e a função da comunicação na sociedade”, in: G. Cohn (org.), *Comunicação e indústria cultural*, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.

efeitos. Diferentemente da abordagem funcionalista, aqui o eixo das preocupações é o indivíduo.

As pesquisas que se desenvolvem nesta época e nas duas décadas seguintes têm em comum um mesmo modelo teórico, denominado por vários autores “Teoria Hipodérmica” (Wolf, 1986; Mattelart, 1999), numa referência ao termo “agulha hipodérmica”, criado por Lasswell para explicar a natureza da ação dos meios de comunicação junto aos indivíduos. Outros autores (De Fleur e Ball-Rokeach, 1993) vão apontar para a utilização de outras denominações, tais como “Teoria da Bala Mágica” ou “Teoria da Correia de Transmissão”. Em qualquer dos casos, contudo, é importante destacar que

A evolução teórica nos primeiros anos, pois foi descoordenada e mesmo caótica. Ela não acompanhou o modelo ordeiro e preciso de uma ciência em desenvolvimento, onde investigadores subseqüentes sistematicamente testam as deixas dos que os precederam. Assim, diversas teorias citadas aqui – “bala mágica”, “influência seletiva” (...) – são, em muitos casos, criações retrospectivas. Pelo menos alguns destes nomes não são encontrados na bibliografia do período inicial por não existirem então. Foram reunidos, sintetizados e rotulados *post hoc* (...)⁵.

Feita a ressalva, cabe identificar, a seguir, as principais características da Teoria Hipodérmica. São estudos ancorados nas teorias da sociedade de massa (Le Bon e Ortega y Gasset), que viam a sociedade industrial do século XX como uma multidão onde os indivíduos estão isolados física e psicologicamente (não existem relações interpessoais, ou elas não são importantes no processo), e nas teorias behavioristas (Watson) que entendiam a ação humana como resposta a um estímulo externo⁶.

5. M. De Fleur e S. Ball-Rokeach, *Teorias da comunicação de massa*, Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 187.

6. Para uma discussão sobre a formação e a superação da Teoria Hipodérmica, ver: M. Wolf, *Teorias da comunicação*, Lisboa, Editorial Presença, 1986 e, também, Armand Mattelart e Michèle Mattelart, *História das teorias da comunicação*, São Paulo: Loyola, 1999.

Da articulação destas duas visões nasce o modelo comunicativo da Teoria Hipodérmica: a de um processo iniciado nos meios de comunicação, que atingem os indivíduos provocando determinados efeitos. Os meios são vistos como onipotentes, causa única e suficiente dos efeitos verificados. Os indivíduos são vistos como seres indiferenciados e totalmente passivos, expostos ao estímulo vindo dos meios. O máximo que os primeiros estudos distinguiram, em termos de diferenciações entre o público, foi dividi-lo de acordo com grandes categorias como idade, sexo e classe socioeconômica. Por fim, os efeitos eram entendidos como sendo diretos, isto é, se dão sem a interferência de outros fatores. Daí a concepção de que os meios agiam sobre a sociedade à maneira de uma “agulha hipodérmica”. Os estudos mais numerosos desta época são aqueles que procuraram relacionar a quantidade de mensagens de violência nos meios a atitudes violentas por parte do público, principalmente o público infanto-juvenil.

A partir da década de 40, os estudos subsequentes no âmbito da Escola Americana dos Efeitos vão representar diretrizes distintas, em muitos aspectos interligadas ou sobrepostas. Todas elas, contudo, de diversas formas e em variados setores, vão trazer contribuições para aperfeiçoar o modelo comunicativo da Teoria Hipodérmica, apontando para uma realidade que é cada vez mais percebida em sua complexidade.

Um primeiro campo de estudos a promover essa superação do modelo hipodérmico são as investigações empírico-experimentais conhecidas como “abordagem da persuasão”. Ao se debruçarem sobre os fenômenos psicológicos individuais que constituem a relação comunicativa, os estudiosos desta corrente perceberam que, entre a ação dos meios e os efeitos, atuava uma série de processos psicológicos, tais como o interesse em obter determinada informação, a preferência por determinado tipo de meio, a predisposição a determinados assuntos, as diferentes capacidades de memorização. Carl Hovland é o principal representante deste ramo de

estudos, com pesquisas sobre a eficácia da propaganda junto a soldados americanos.

Embora o modelo teórico seja muito semelhante ao da Teoria Hipodérmica (a mesma concepção de causa-efeito, a mesma negligência em relação às relações interpessoais), aqui já se tem o desenho de um quadro analítico um pouco mais complexo, na medida em que percebe que os efeitos não são diretos, a resposta ao estímulo se defronta com fatores psicológicos, quebrando a idéia de linearidade do processo.

Ainda dentro dessa corrente, um segundo campo de estudos procurou estabelecer fatores para garantir uma organização ótima das mensagens, de forma a atender às finalidades persuasivas. Percebeu-se que determinados fatores da organização das mensagens (como a credibilidade do comunicador, a ordem da argumentação, a integralidade das argumentações e a explicitação de conclusões) interferem na eficácia do processo e, portanto, na natureza dos efeitos obtidos.

A segunda corrente de estudos é denominada Teoria dos Efeitos Limitados. Trata-se de um ramo de estudos que abriga abordagens distintas, tanto psicológicas como sociológicas. No primeiro ramo, o principal representante é Kurt Lewin, interessado nas relações dos indivíduos dentro de grupos e seus processos de decisão, nos efeitos das pressões, normas e atribuições do grupo no comportamento e atitudes de seus membros. Um de seus discípulos, Leon Festinger, desenvolveu, em 1957, a Teoria da Dissonância Cognitiva, um conjunto de pressupostos acerca da natureza do comportamento humano e suas motivações em relação ao mundo que é experienciado por cada indivíduo.

Outros estudos dessa corrente, de natureza mais sociológica, foram desenvolvidos sobretudo por Paul Lazarsfeld. Pesquisador de enorme influência nos Estados Unidos, Lazarsfeld iniciou seus estudos preocupado com reações imediatas da audiência dos conteúdos da comunicação de massa. Com o passar dos anos, desenvolveu estudos de abordagem empírica de campo, procurando estudar os fatores de media-

ção existentes entre os indivíduos e os meios de comunicação de massa. Foram realizados diversos estudos sobre a composição diferenciada dos públicos e dos seus modelos de consumo da comunicação de massa. Dois deles são decisivos para a evolução da teorização norte-americana: *The People's Choice*, de 1944, e *Personal Influence: The Part Played by People in the Flow of Mass Communication*, de 1955. Os resultados levaram à descoberta do “líder de opinião”, indivíduo que, no meio da malha social, influencia outros indivíduos na tomada de decisão. Criou-se então o modelo do “two-step flow of communication”, que entende a comunicação como um processo que se dá num fluxo em dois níveis: dos meios aos líderes e dos líderes às demais pessoas.

Trata-se da inclusão, nos estudos sobre a comunicação de massa, dos contextos sociais em que vivem os indivíduos. É o primeiro momento em que se percebe a influência das relações interpessoais na configuração dos “efeitos” da comunicação. Da idéia de efeitos diretos chega-se enfim à idéia de um processo indireto de influência.

Uma variação desta corrente é o “enfoque fenomênico” desenvolvido por Klapper, aluno de Lazarsfeld. Trata-se de um modelo teórico que prevê que os meios de comunicação não são causa única dos efeitos, mas, antes, acham-se envolvidos no meio de muitos outros fatores. Esta constatação obriga que se incorpore cada vez mais fatores *extramedia* nos estudos. Sobretudo, exige-se a incorporação da vivência das pessoas, da rede de relações interpessoais em que cada indivíduo se acha envolvido.

Até os anos 60, as grandes evoluções por que passa a investigação sobre os Efeitos, nos Estados Unidos, devem-se ainda principalmente aos resultados contraditórios e complexos encontrados nas pesquisas empíricas, que levavam constantemente a reformulações dos quadros teóricos utilizados pelos pesquisadores da época. A partir dos anos 60, essa grande corrente de estudos vai dialogar de forma mais consistente com diversas outras correntes de estudo, tanto

norte-americanas (aquelas antes relegadas à marginalidade, como o Interacionismo Simbólico, a Semiótica e a Escola de Palo Alto, e outras áreas de pesquisa como a Sociologia do Conhecimento) como europeias (a Corrente Culturológica francesa, a Semiologia, os Cultural Studies de Birmingham). Desse diálogo resultam novas abordagens da problemática dos efeitos, que apontam para um quadro explicativo já bastante diferente do primeiro modelo a orientar os estudos da década de 30.

Uma destas abordagens é a Corrente dos “Usos e Gratificações”, trabalhada sobretudo por Katz, também discípulo de Lazarsfeld, nos anos 70, e outros como Blumler e Elliott. Aqui, o eixo das preocupações se desloca da pergunta “o que os meios fazem com as pessoas” para pensar no uso que as pessoas fazem dos meios. Surge a idéia de uma “leitura negociada”, isto é, abre-se a investigação para a atividade de apropriação promovida pelos receptores das mensagens midiáticas. O receptor passa a ser visto como sujeito agente, capaz de praticar processos de interpretação e satisfação de necessidades. Essa corrente de estudos vai aperfeiçoar seus métodos até 1990, ano em que Katz realiza uma grande pesquisa em parceria com Tamar Liebes e uma equipe da Universidade de Jerusalém: *The Export of Meaning*.

Outra abordagem é a hipótese do *agenda setting*, também conhecida como Teoria dos Efeitos a Longo Prazo. Trata-se de uma construção teórica que pensa a ação dos meios não como formadores de opinião, causadores de efeitos diretos, mas como alteradores da estrutura cognitiva das pessoas. É o modo de cada indivíduo conhecer o mundo que é modificado a partir da ação dos meios de comunicação de massa – ação esta que passa a ser compreendida como um “agendamento”, isto é, a colocação de temas e assuntos na sociedade. Ao mesmo tempo, essa corrente substitui a idéia de efeitos imediatos por efeitos que se espalham num período maior de tempo.

Esse campo de pesquisa teve origem em 1952, a partir de um trabalho de Kurt e Gladys Lang, sendo formulada em

1972 por McCombs e Shaw no artigo “The Agenda-Setting Function of Mass Media”. Nas décadas de 70 e 80, diversos autores como Cook, Tyler, Goetz, Gordon e outros vão realizar pesquisas e aperfeiçoar os pressupostos da função de agendamento dos meios de comunicação.

Ao longo de mais de 60 anos, portanto, a Corrente Americana dos Estudos sobre os Efeitos conheceu uma grande evolução em termos do aparato teórico a ser utilizado nos estudos. De um modelo de máxima simplicidade, que previa um processo linear partindo dos meios, onipotentes, a receptores passivos e isolados, determinando efeitos diretos, chegou-se a modelos que passaram a considerar a influência de diversos outros fatores: as características psicológicas dos receptores, as formas de organização das mensagens, a rede de relações interpessoais em que os indivíduos se inserem, elementos *extramedia* que atuam de forma concomitante nos meios de comunicação, os usos que as pessoas fazem destes meios, e a natureza da ação dos meios na sociedade.

A evolução da pesquisa norte-americana é marcada, portanto, pela consolidação de uma grande perspectiva teórica, formalizada pela Teoria Matemática e pela “questão-programa” de Lasswell, e que se desenvolve em estudos mais operacionais (voltados para os elementos internos do processo comunicativo e sua otimização quantitativa), estudos preocupados com as funções da comunicação (de orientação ética, voltados para a compreensão do todo social a partir de um modelo organísmico de inspiração biológica) e, sobretudo, preocupados com a questão dos efeitos, que têm origem no modelo hipodérmico e alcançam sua superação. É a partir principalmente de correntes de estudo exteriores à *Mass Communication Research* que os estudos norte-americanos vão desconstruir o paradigma hipodérmico, reabilitando correntes de estudo com pressupostos diversos (tais como a Escola de Chicago e a Escola de Palo Alto) e inaugurando novas frentes de estudo (como as formulações do *agenda setting* e dos *usos e gratificações*).